

A SAÚDE MENTAL NA LOGOTERAPIA: CONFRONTANDO O MODELO PSQUIÁTRICO HEGEMÔNICO¹

Rodrigo Bandeira de Oliveira e Silva²

Monalisa Maria Lauro³

Quando *eu* uso uma palavra”, disse Humpty Dumpty num tom bastante desdenhoso, “ela significa exatamente o que quero que signifique: nem mais nem menos. A questão é”, disse Alice, “se *pode* fazer as palavras significarem tantas coisas diferentes. A questão”, disse Humpty Dumpty, “é saber quem vai mandar — só isto. Lewis Carroll (2009, p. 245), **Através do espelho e o que Alice encontrou por lá.**

RESUMO:

A presente pesquisa tem o objetivo de apresentar e confrontar duas perspectivas distintas de apreciação do termo saúde mental: a do modelo psiquiátrico hegemônico e a da logoterapia. Para alcançar esta meta, foi utilizada a metodologia conhecida como pesquisa conceitual, com a finalidade de conhecer e analisar as concepções distintas que tal conceito assume em ambas as óticas. Em primeiro lugar, buscou-se apresentar a atual definição de saúde mental da psiquiatria hegemônica, articulando-a com o paradigma em que se insere. Há, nesta etapa, uma apreciação crítica da base epistemológica, do contexto político-ideológico e das consequências de ordem social decorrentes desse paradigma. Então, apresentam-se as contribuições específicas da logoterapia, que compreende o constructo saúde mental de forma distinta, considerando os fenômenos característicos da existência humana e a sua dinâmica particular. Enfim, recorre-se à antropologia frankliana para discutir a necessidade de considerar a saúde mental a partir de todas as dimensões do ser humano — biológica, psicológica, noética e social —, explicitando uma elaboração não-reducionista do conceito. A conclusão realça que a perspectiva da logoterapia permite uma definição mais coerente, ampla e construtiva do referido vocábulo. Espera-se que este trabalho auxilie para a ampliação do campo de debates sobre a questão da saúde mental, no qual a logoterapia possa ser concebida como uma alternativa para o modelo psiquiátrico vigente.

Palavras-chave: Saúde Mental. Logoterapia. Análise Existencial. Viktor Frankl. Psiquiatria Nosográfica.

¹ Artigo de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa História da Psicologia e seus aspectos filosóficos. Recebido em 27/09/2024 e aprovado, após reformulações, em 25/10/2024.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: rodrigobandeiraos08@gmail.com

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: monalisalauro@uniacademia.edu.br

MENTAL HEALTH IN LOGOTHERAPY: CONFRONTING THE HEGEMONIC PSYCHIATRIC PARADIGM

ABSTRACT:

This research aims to present and confront two distinct perspectives on the term mental health: the hegemonic psychiatric model's and the logotherapy's. To achieve this goal, the methodology known as conceptual research was used, with the purpose of understanding and analyzing the different conceptions that this concept assumes in both perspectives. Firstly, the current definition of mental health according to the hegemonic psychiatry was presented, articulating it with the paradigm it fits into. At this stage, there is a critical appreciation of the epistemological basis, the political-ideological context and the social consequences resulting from this paradigm. Then, the specific contributions of logotherapy are presented, which understands the construct of mental health in a distinct way, considering the characteristic phenomena of human existence and its particular dynamics. Finally, Frankl's anthropology is used to discuss the necessity of considering mental health from all dimensions of the human being — biological, psychological, noetic and social —, making clear a non-reductionist elaboration of the concept. The conclusion emphasizes that the logotherapy's perspective offers a more coherent, broad and constructive definition of the referred vocable. It is expected that this work contributes to expanding the field of debate on mental health, where logotherapy may be seen as an alternative to the current psychiatric model.

Keywords: Mental Health. Logotherapy. Existential Analysis. Viktor Frankl. Nosographic Psychiatry.

1 INTRODUÇÃO

A forma predominante, atualmente, de compreender a saúde mental está sendo cada vez mais contestada, como se pode observar na literatura (Frances, 2013; Freitas; Amarante, 2015; Whitaker, 2017). O entendimento hegemônico deste constructo parte do pressuposto de que a felicidade e a saúde psíquica seriam o equilíbrio homeostático do indivíduo, de modo que processos de ordem psicológica ou física que estremeçam tal estado constituiriam uma condição de adoecimento (Hayes; Strosahl; Wilson, 2021). Estes processos passam a ser discutidos como sintomas de categorias nosográficas dentro de uma psicopatologia sindrômica (Ribeiro *et al.*, 2020). A saúde, por sua vez, é definida, de forma negativa, como a ausência de doenças (Burkhardt *et al.*, 2022). Em que pese, porém, a existência de definições alternativas e concorrentes de saúde ao longo da história, como a da Organização Mundial da Saúde, que destaca o completo bem-estar biológico, psíquico, espiritual e

social (Fleck, 2000), fato é que o referido paradigma negativo apresenta central influência na atual apreciação de saúde mental (Burkhardt *et al.*, 2022).

As limitações de tal modelo de compreensão são diversas, como ficará claro no decorrer do artigo. De modo geral, pode-se observar que ele se ampara em uma falsa neutralidade e em uma contradição epistemológica (Dunker, 2014), fundamenta-se em uma hipótese científica rejeitada por pesquisas (Whitaker, 2017), manifesta-se a partir da patologização de aspectos comuns da vida humana (Burkhardt *et al.*, 2022) e engendra uma hiperinflação diagnóstica prejudicial para o tratamento em saúde mental (Frances, 2013). Por fim, é digno de destaque o fato de que o atual entendimento de saúde e doença psíquica é ineficaz no que se refere aos seus resultados (Hayes; Strosahl; Wilson, 2021; Whitaker, 2017).

Com base nisso, entende-se que discutir a saúde mental a partir de outras perspectivas é tarefa relevante para avaliar o modelo hegemônico, bem como para conceber conceitos e práticas alternativas no campo da saúde mental. Utilizou-se, neste sentido, o referencial da logoterapia⁴ para sistematizar um modo distinto de compreender este conceito. O objetivo principal, aqui, foi apresentar como se pode desenvolver tal constructo considerando, por um lado, a dinâmica singular da existência humana e, por outro, o reconhecimento de todas as dimensões que compõem o indivíduo. Considera-se que tal empreendimento proporciona uma compreensão mais completa e coesa de saúde mental.

Do ponto de vista metodológico, utilizou-se a pesquisa conceitual, conforme descrita por Laurenti e Lopes (2016). Como apresentam os autores, tal método objetiva elucidar os conceitos que compõem uma teoria psicológica. Assim sendo, busca-se definir o termo **saúde mental** no contexto hegemônico, compreendendo-o de forma contextualizada, e na antropologia logoterapêutica. Em relação a este último enfoque, compreende-se o significante saúde mental a partir de sua articulação com os seguintes conceitos-chave da logoterapia: sentido da vida, vontade de sentido, noodinâmica, dimensão noética, autotranscendência, autodistanciamento, pessoa e

⁴ A partir da definição clássica, a Logoterapia seria compreendida como um método psicoterapêutico, enquanto a análise existencial consistiria na orientação antropológica que o fundamenta (Guberman; Soto, 2005). Reconhecendo, porém, a tendência atual de utilizar o termo logoterapia para se referir à teoria como um todo, este foi o vocábulo escolhido para o artigo. Tal procedência já era prevista por Viktor Frankl (2011) em determinadas publicações, uma vez que evitava a confusão entre a análise existencial frankliana e a de Ludwig Binswanger.

personalidade. Enfim, entende-se que o confronto entre essas duas perspectivas é relevante para a construção de um caminho de superação das limitações teórico-práticas presentes no modelo hegemônico.

2 A SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO HEGEMÔNICO: DEFINIÇÃO, PARADIGMA E PROBLEMÁTICAS

Hayes, Strosahl e Wilson (2021) discorrem, em **O dilema do sofrimento humano**, a respeito do que definem como o pressuposto da normalidade saudável. Em sua análise, a comunidade de saúde mental parte da premissa de que a saúde e a felicidade seriam o estado homeostático do ser humano, ao passo que o desequilíbrio desse estado seria indicativo de uma dinâmica de adoecimento. Nesta ótica, processos como memórias, pensamentos, sentimentos e sensações dolorosas passam a ser interpretados como sintomas, e impera o entendimento de que apresentar determinado conjunto destes sintomas “[...] significa que você tem algum tipo de anormalidade, ou mesmo algum tipo de doença” (Hayes; Strosahl; Wilson, 2021, p. 3).

O sofrimento psicológico, em vez de ser discutido em termos de escolhas comportamentais, influências do ambiente social e estilos de vida, passa a ser concebido unicamente como a alteração de um equilíbrio bioneuroquímico (Hayes; Strosahl; Wilson, 2021). Tal sofrimento passa, então, a ser categorizado em uma determinada classificação nosográfica (Ribeiro *et al.*, 2020), isto é, uma entidade plenamente individualizável, cujo contorno e limite seria bem demarcado em relação a outras categorias psicopatológicas (Dalgalarrodo, 2000; McHugh; Slavney, 1998). Burkhardt *et al.* (2022) elucidam que, nesta forma de compreensão, a saúde é definida, precisamente, como a ausência de doenças.

Na atualidade, o paradigma central de discussão sobre a questão da saúde e da doença mental é o modelo nosológico (Dunker, 2014). Em sua gênese, o objetivo, conforme Venturi (2022, p. 644), era desenvolver “[...] um sistema classificatório inovador, que primava por critérios operacionais claros, demarcando síndromes a partir da co-ocorrência de sinais e sintomas em um dado período”. Este autor esclarece, ainda, que é a partir dessa proposta que se fundamentam as mais recentes edições do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM).

Dalgalarrondo (2000) situa tal abordagem como a perspectiva operacional-pragmática de psicopatologia. Em suas palavras:

Na visão operacional-pragmática, as definições básicas dos transtornos mentais e dos sintomas são formuladas e tomadas de modo arbitrário, em função de sua utilidade pragmática, clínica ou para pesquisa. Não se questiona a natureza da doença ou do sintoma ou os fundamentos filosóficos ou antropológicos de determinada definição. É o modelo adotado pelas modernas classificações de transtornos mentais (Dalgalarrondo, 2000, p. 30).

Este pressuposto, de uma psicopatologia que se absteria de pressupostos teóricos, é bem expresso pelas palavras do psiquiatra Jerrold Maxmen: “[...] a antiga psiquiatria [psicanalítica] deriva da teoria, a nova psiquiatria, da realidade dos fatos” (Maxmen, 1985 *apud* Whitaker, 2017, p.277). A vigência do paradigma em questão, da forma como foi descrito até aqui, é perceptível no próprio texto do DSM-V⁵, em que se lê que os critérios diagnósticos do manual “[...] constituem a melhor descrição disponível de como os transtornos mentais se expressam e podem ser reconhecidos por clínicos treinados” (American Psychiatric Association, 2014, p. xli). Ainda, nesse texto pode-se observar as supostas objetividade empírica e neutralidade teórica, como se mostra no seguinte trecho: “os critérios são concisos e claros, e sua intenção é facilitar uma **avaliação objetiva** das apresentações de sintomas em diversos contextos clínicos” (American Psychiatric Association, 2014, p. xli, grifo nosso).

Por outro lado, esse suposto caráter objetivo e de abstenção epistemológica do DSM são amplamente contestados pela literatura científica. Dunker (2014) observa que o programa do manual em questão não está isento de implicações de ordem filosófica, epistemológica ou ética. Porém, além de a Associação Americana de Psiquiatria jamais confessar tais filiações publicamente, há a tendência de deslocar tal problemática para o campo das ciências biológicas. Aqui, pode-se citar as palavras do chefe da força-tarefa do DSM-III, segundo o qual este serviria como “defesa do modelo médico, tal como aplicado a problemas psiquiátricos” (Whitaker, 2017, p. 277). É relevante observar que a terceira edição do DSM já representava o paradigma da

⁵ O uso do DSM-V se deu devido ao fato de a maioria dos referenciais utilizados estabelecerem suas críticas a este manual. Destaca-se, porém, que a mais nova atualização, o DSM-V-TR, já havia sido publicada no momento da elaboração deste artigo. É relevante observar que não há mudanças significativas nas assertivas extraídas para o presente trabalho, ao comparar as duas edições.

psiquiatria nosográfica, que se contrapunha ao modelo anterior, psicanalítico (Dunker, 2014).

O próprio texto do DSM-V corrobora com esta filiação epistemológica, ao afirmar que “o DSM é uma classificação médica de transtornos [...]” (American Psychiatric Association, 2014, p. 7). Ainda, ao citar os recentes avanços das ciências dos transtornos psicológicos, é de se destacar que só faça menção a áreas como “[...] neurociência cognitiva, neuroimagem, epidemiologia e genética” (American Psychiatric Association, 2014, p. 5). Enfim, que o modelo diagnóstico atual seja produto da incorporação de um paradigma materialista da medicina para a psicologia tampouco é desconhecido pelas pesquisas desta área (Hayes; Strosahl; Wilson, 2021; Burkhardt *et al.*, 2022).

Além de apresentar uma contradição em sua justificativa epistemológica, o modelo hegemônico de compreensão de saúde mental se fundamenta em uma hipótese científica sistematicamente refutada (Whitaker, 2017). Trata-se, efetivamente, da hipótese de que os transtornos mentais seriam decorrentes de desequilíbrios químicos no cérebro (Freitas; Amarante, 2015). Como documenta Robert Whitaker (2017), as buscas científicas por causas biológicas para os transtornos mentais — como a compreensão da depressão em termos de baixos níveis de serotonina, ou da esquizofrenia como a hiperatividade do sistema dopaminérgico — resultaram na refutação de tal hipótese.

Atualmente, há o reconhecimento de que “[...] nenhum marcador laboratorial provou ser específico na identificação de qualquer síndrome definida pelo DSM” (Kupfer; First; Regier, 2002, p. xviii, tradução nossa⁶). Esta citação, retirada do comitê de planejamento da Associação Americana de Psiquiatria para a quinta versão do DSM, entra em choque com um fato: historicamente, psiquiatras vinculados à instituição endossaram a hipótese do desequilíbrio químico, mesmo com o fracasso das pesquisas (Whitaker, 2017). Por sua vez, a Associação Americana de Psicologia também já veio a público defender a legitimidade de tal hipótese (Gotzsche, 2022).

Cabe, portanto, o questionamento: por qual motivo este pressuposto tem sido repetido para o público geral e apoiado por influentes instituições de saúde mental, considerando o seu insucesso científico? Para Freitas e Amarante (2015), a razão

⁶ As traduções de citações em inglês e espanhol apresentadas no artigo são de responsabilidade do primeiro autor.

para isso é política. Dunker (2014) apresenta o dado de que a maioria dos pesquisadores associados à reformulação que levou ao DSM-V declarou o incentivo financeiro e as ligações formais da indústria farmacêutica com a elaboração do mais novo manual. Allen Frances, chefe da força-tarefa do DSM-IV, também aborda esta relação ao estabelecer duras críticas à quinta versão do manual:

Fomos muito conservadores e só introduzimos [no DSM IV] dois dos 94 novos transtornos mentais sugeridos. Ao acabar, nos felicitamos, convencidos de que tínhamos feito um bom trabalho. Mas o DSM IV acabou sendo um dique frágil demais para frear o impulso agressivo e diabolicamente ardiloso das empresas farmacêuticas no sentido de introduzir novas entidades patológicas. Não soubemos nos antecipar ao poder dos laboratórios de fazer médicos, pais e pacientes acreditarem que o transtorno psiquiátrico é algo muito comum e de fácil solução (Frances, 2014, s.p).

A hipótese do desequilíbrio químico para a discussão do binômio saúde-doença na psicologia assume, então, a faceta de uma justificativa para a venda de medicamentos por parte da indústria farmacêutica (Whitaker, 2017). Afinal, como elucidam Freitas e Amarante (2015), a consequência da adoção deste pressuposto é a ideia de que a terapêutica está na correção do equilíbrio químico que foi perdido, o que só seria possível por meio de um tratamento farmacológico. É natural, em tal contexto, que a recuperação do estado homeostático que supostamente caracterizaria a saúde mental — na apreciação de Hayes, Strosahl e Wilson (2021) — só possa ser entendida em termos de uma cura medicamentosa. Ou, parafraseando Farley e Cohen (2005), a saúde seria uma consequência da cura.

Deste modo, evidencia-se o fato de que a compreensão de saúde mental está, atualmente, comprometida com um discurso médico que carrega limitações (Gotzsche, 2022). Neste seguimento, alguns autores apontam o que denominam como medicalização da vida (Burkhardt *et al.*, 2022; Ribeiro *et al.*, 2020), que pode ser definida como “[...] um processo pelo qual, problemas não médicos são tratados como problemas médicos, e chamados de doenças” (Burkhardt *et al.*, 2022, p. 35676). Para Ribeiro *et al.* (2020), tal fenômeno se articula à patologização da existência — isto é, ao englobamento de sentimentos e processos normais da vida como indicativos de adoecimentos.

Neste sentido, Murphy, em **Psychiatry in the scientific image**, aponta um dos problemas recorrentes do uso do DSM: a falha em considerar o que gera

determinados comportamentos; assim, partindo de um diagnóstico puramente comportamental, chega-se a definir reações comuns a situações estressantes como sintomas de transtornos psicológicos (Murphy, 2006). Frances (2013) acusa a tendência da psiquiatria contemporânea de ampliar as categorias de transtornos a tal ponto que o próprio conceito de normalidade se torne cada vez mais cerceado. Destaca-se, aqui, que este autor se define como alguém a favor da psiquiatria, quando bem utilizada. Portanto, ele recusa as interpretações equivocadas de seus escritos, que o situam como um autor contrário à ciência psiquiatra. Isso não impede Frances (2013, s.p., tradução nossa), porém, de criticar os rumos que esta área está tomando, principalmente no tocante à patologização da vida humana:

[...] o DSM-5 parece simplesmente estar se movendo para a direção errada, adicionando novos diagnósticos que transformam ansiedade, excentricidade, esquecimento e hábitos ruins de alimentação ordinários em transtornos mentais. Enquanto isso, os verdadeiramente doentes seriam ainda mais ignorados na medida em que a psiquiatria expande seus limites para incluir muitos que estão melhores sendo considerados normais.

Ora, se a saúde nada mais é do que a ausência de doenças (Burkhardt *et al.*, 2022), e se as categorias psicopatológicas estão cada vez mais numerosas (Frances, 2014), é inevitável que a consequência deste processo seja a hiperinflação diagnóstica (Frances, 2013). O vertiginoso aumento de diagnósticos psiquiátricos é uma realidade que se observa ao redor do mundo (Hayes; Strosahl; Wilson, 2021). Allen Frances (2013) afirma que esta ampliação leva a um aumento nocivo no uso de psicofármacos. Para ele, os medicamentos psiquiátricos são fundamentais para transtornos mentais graves e persistentes; porém, a ampliação de sua prescrição para questões cotidianas é mais danosa do que produtora de saúde (Frances, 2014).

Hayes, Strosahl e Wilson (2021, p. 5, grifo do autor) assinalam: “o expansionismo diagnóstico seria aceitável se aumentasse a eficácia global do nosso sistema de saúde mental — *mas isso não acontece*”. De fato, a ineficácia deste método, amparado pelo entendimento neuroquímico da saúde mental, pode ser observada em distintas sociedades. Whitaker (2017) aponta que, de forma contrária ao que se esperaria, a quantidade de casos de invalidez por transtornos mentais nos Estados Unidos aumentou com a universalização dos medicamentos, em vez de diminuir. Watters (2010), por sua vez, observa que a globalização deste modelo

médico norte-americano prejudicou, nas sociedades orientais, a capacidade de lidar com o sofrimento mantendo-se o desempenho comportamental e social. Já no Brasil, seguindo a tendência mundial, há um aumento significativo de transtornos diagnosticados e de uso de medicamentos psiquiátricos (Ribeiro *et al.*, 2020).

Não se pode deixar de considerar, ainda, a função de controle social inserida na individualização do sofrimento psíquico. Para Illich (1975), a medicalização implica no desvio da origem dos sofrimentos — associado às questões estruturais e políticas —, trazendo para o centro da discussão uma suposta disfunção biológica. Ao fazê-lo, o corpo médico leva à compreensão de que sofrer é uma manifestação puramente individual, responsabilizando o corpo do sujeito e desresponsabilizando o sistema social que, frequentemente, o produz (Illich, 1975).

Considerando todos estes fatores, não é de se impressionar que distintos autores abordem a necessidade de uma reforma no atual modelo médico. Pode-se citar a proposta de Illich (1975), segundo a qual este só poderá ser contestado mediante uma luta política que afirme as potências dos indivíduos. Mesmo reconhecendo a dificuldade de se implementar uma revisão, Frances (2013), em sua apreciação, dá contribuições para a busca de um retorno à ideia de normalidade. Enfim, o autor de **Anatomia de uma epidemia** dedica um capítulo para discutir possíveis projetos reformistas (Whitaker, 2017). No presente trabalho, reconhecendo a legitimidade da afirmação de Acevedo (2013) — segundo o qual a compreensão de saúde⁷ inserida na logoterapia é avessa ao biologismo e à medicalização —, sistematiza-se, no que se segue, o entendimento logoterapêutico como uma proposta de revisão do conceito de saúde mental vigente.

3 AS CONTRIBUIÇÕES ESPECÍFICAS DA LOGOTERAPIA AO CONSTRUCTO SAÚDE MENTAL

A logoterapia, conforme Viktor Frankl (2019a), é uma abordagem psicoterapêutica centrada no sentido da existência, bem como na busca do indivíduo por tal sentido. Para além dos sofrimentos primariamente associados a essa questão existencial, a logoterapia trabalha outras demandas terapêuticas a partir de técnicas

⁷ O vocábulo **saúde** é abordado pelo referido autor em termos subjetivos, de modo que sua ponderação se aproxima do recorte deste trabalho ao endereçar a questão da saúde mental.

que permitem desarmar mecanismos de retroalimentação que estão na base de psicopatologias (Fabry, 1990), além de favorecer a tomada de posição existencial do indivíduo sobre a sua condição (Frankl, 2011). De fato, a logoterapia se desenvolve para lidar com distintas demandas, sejam estas de origem primária biológica, psicológica, noológica ou social (Frankl, 2016).

Pereira (2009, p. 15) afirma que “a acepção do termo ‘sentido’ constitui [...] a pedra angular sobre a qual se alicerça a visão de mundo subjacente à logoterapia”. Este autor lamenta as interpretações vagas e equivocadas que este vocábulo assumiu, de forma a se distanciar do significado originalmente concebido por Frankl e por seus alunos. Cabe, assim, iniciar a apreciação da saúde mental na perspectiva da logoterapia a partir da definição deste conceito.

O criador da referida abordagem, em **A vontade de sentido**, discute que o sentido deve ser considerado na relação do indivíduo com uma circunstância específica em que ele se encontra. Não se trata, portanto, de uma abstração: pelo contrário, o sentido está associado à concretude da vida (Pareja Herrera, 2021). Subvertendo a visão corriqueira sobre este termo, Frankl (2019a) afirma que não é o ser humano que se questiona sobre ele, mas é a existência que lhe questiona, com as situações com que o brinda; é **na resposta** que a pessoa dá a tais questões, a partir de **escolhas** ou **ações**, que se pode encontrar o sentido.

Daí o fato de que cabe ao sujeito “[...] dar a *resposta certa* às perguntas, encontrando o *verdadeiro sentido* de uma situação” (Frankl, 2011, p. 81, grifo do autor). O processo de identificação de qual seria a resposta significativa seria absolutamente pessoal, e só poderia ser encontrada pela própria pessoa confrontada pela existência, a partir da sua singularidade e da conjuntura em que se encontra (Frankl, 2011). Entende-se, portanto, que há um sentido potencial nas circunstâncias de vida dos indivíduos, precisando estes sentidos serem encontrados e realizados por eles (Guberman; Soto, 2005).

Além destas situações particulares, o sentido também poderia ser extraído de abstratos denominados valores — fontes de sentido que se cristalizaram a partir de circunstâncias usuais que a sociedade ou que a humanidade como um todo enfrenta (Frankl, 2011, 2019b). A colaboração para o mundo por meio de um trabalho, da produção de uma obra de arte, de uma ação endereçada ao outro; a experiência da natureza, da cultura, da religiosidade, do amor por outro ser humano; o atravessar o **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.735-759, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

sofrimento inevitável de forma digna, preservando a coragem e afirmando a importância da vida, são exemplos destes valores: trata-se de formas historicamente consolidadas de extrair sentido da existência (Frankl, 2019a, 2019b).

Seja a partir de situações particulares ou abstratos universais, a realização de sentido está fundamentalmente associada à saúde psíquica (Martínez Ortiz *et al.*, 2017). A motivação primária do ser humano de encontrar e realizar sentidos — denominada vontade de sentido — é compreendida como um fator indissociável da saúde mental (Lukas, 1992). Desta forma, entende-se a assertiva de Frankl (2019b, p. 23) de que a orientação para o sentido e para os valores seria a “[...] arma mais importante que jamais se pôde dar no arsenal terapêutico”.

A existência saudável, para a logoterapia, é compreendida em termos da noodinâmica (Frankl, 2019b). Este conceito exprime a dinâmica espiritual do ser humano (Guberman; Soto, 2005), compreendendo-o como essencialmente relacionado à categoria sentido (Frankl, 2019c). Entende-se por noodinâmica o posicionamento do indivíduo “[...] num campo polarizado de tensão, onde um pólo é representado por um sentido a ser realizado e o outro pólo, pela pessoa que deve realizá-lo” (Frankl, 2019a, p. 130). Portanto, a existência humana se desenvolveria, nesta perspectiva, **entre** a dimensão do ser — o conjunto de coisas que ele realizou até aquele momento — e do dever-ser — o que ele ainda deve realizar. Estes pólos, assim sendo, representam respectivamente a realidade e os ideais a serem efetivados (Aquino, 2013).

Viktor Frankl (2019b) destaca o fato de que é necessária uma certa distância entre as duas dimensões. Como explana o autor:

[...] o hiato entre ser e dever-ser, entre ser e sentido, é essencial para todo o ser-homem, mesmo numa acepção mais profunda. É que, numa natureza finita como a do homem, não podemos nem devemos fazer coincidir e concordar a existência com a essência; pelo contrário, o sentido tem que ir sempre à frente do ser, — pois só assim o sentido pode ser o que propriamente é: *o guia do ser* (Frankl, 2019b, p. 138, grifo do autor).

A tensão derivada deste distanciamento é concebida como fundamental na logoterapia. No livro **A psicoterapia na prática**, Viktor Frankl elucida que este é um tipo de tensão específica que o ser humano experimenta a partir da exigência de um sentido a ser realizado — seja este qual for. Daí, entende-se que uma determinada

quantidade de tensão, evidentemente doseada e saudável, é imprescindível para a promoção de saúde mental (Frankl, 2019d). Já a ausência total de tensões, na perspectiva do autor, é patogênica — inclusive, o indivíduo que não experimenta tal tensão existencial buscará outros tipos de tensões, como, por exemplo, o engajamento em comportamentos agressivos e destrutivos (Lukas, 1992).

Por isso, a compreensão da existência saudável na logoterapia se desenvolve de forma crítica à das teorias psicodinâmicas; para estas, a saúde mental se associaria à busca pelo equilíbrio homeostático intrapsíquico (Pereira, 2021). O caminho para o bem-estar, portanto, se relacionaria à restauração possível do equilíbrio do psiquismo (Frankl, 2019c). Já segundo a logoterapia, considera-se que “[...] a saúde mental está baseada em certo grau de tensão, tensão entre aquilo que já se alcançou e aquilo que ainda se deveria alcançar, ou o hiato entre o que se é e o que se deveria vir a ser” (Frankl, 2019a, p. 129).

Aqui, interessa observar que a atual compreensão de saúde mental e de sofrimento psicológico — o pressuposto da normalidade saudável — também parte de uma ótica homeostática. A partir do referencial hegemônico da psiquiatria, compreende-se que a felicidade e a saúde seriam o estado padrão, de equilíbrio do sujeito (Hayes; Strosahl; Wilson, 2021). Assim, é possível derivar da crítica de Frankl à psicanálise a objeção ao modelo vigente de saúde mental: afinal, diferentemente de tal entendimento, a logoterapia conceberá a necessidade de um certo tipo de tensão, sem o qual a saúde mental, conforme apresentado, sequer seria possível (Frankl, 2019d).

Ao definir a noodinâmica como uma caracterização da dinâmica espiritual (Guberman; Soto, 2005), cumpre elucidar o que significa a categoria **espírito** no referencial logoterapêutico. A dimensão espiritual (ou noética) é compreendida como a dimensão dos elementos qualitativamente distintivos do ser humano; seria composta, então, pelos fenômenos existenciais que diferenciam os seres humanos dos outros animais (Frankl, 2011). Dentre eles, o psiquiatra vienense especifica dois conceitos centrais para a prática psicoterapêutica: a autotranscendência e o autodistanciamento (Martínez Ortiz, 2013), doravante explicados. Enfim, faz-se importante destacar, combatendo um equívoco comum na compreensão da logoterapia, que o termo espírito não é utilizado com qualquer acepção religiosa, mas sim antropológica (Frankl, 2011).

Diferentemente de outras abordagens psicológicas, que concebem o ser humano como um ente biopsíquico, a logoterapia o compreende como uma totalidade biopsiconoética (Xausa, 2019). Deste modo, há a separação da subjetividade humana em duas dimensões: a psicológica e a espiritual. Frankl (2011) explicita que, inseridos na dimensão psicológica, é possível descrever processos como mecanismos de defesa, condicionamentos, entre outros. Por outro lado, a dimensão noética seria a dimensão propriamente livre, capaz de assumir uma atitude em relação ao psicofísico e às demandas do mundo. Joseph Fabry (1990) esclarece que, na dimensão psíquica, o indivíduo **é conduzido**, seja por instintos, impulsos, padrões comportamentais, mecanismos reativos etc. Na dimensão espiritual, por sua vez, é a pessoa **que conduz** as decisões, a partir de um posicionamento crítico em face das dimensões psicológica e biológica e em consonância com os sentidos que lhe são próprios.

A dimensão noética é, no entendimento logoterapêutico, o núcleo saudável do ser humano (Frankl, 2019b). Deste fato deriva a compreensão de que a logoterapia é uma psicoterapia a partir do noético (Pareja Herrera, 2021), e tem como um de seus aspectos centrais recorrer aos recursos da dimensão espiritual para auxiliar os indivíduos em suas demandas de sofrimento. Mais especificamente, o logoterapeuta Martínez Ortiz (2013), em **Manual de psicoterapia con enfoque logoterapêutico**, esclarece que a capacidade de mobilizar os recursos provenientes dos fenômenos noéticos — autotranscendência e autodistanciamento — é um fator promotor de saúde mental, ao passo que a restrição destes engendra sofrimento psicológico (Martínez Ortiz, 2011a). Portanto, entende-se que a exposição destes recursos também é fundamental para a apreciação da saúde mental na logoterapia.

A autotranscendência se refere a uma característica básica da existência humana (Pareja Herrera, 2021). Para Viktor Frankl (2019d), é impossível compreender a forma específica de existir da pessoa sem discutir este conceito. De acordo com a definição do autor, a autotranscendência remete ao fato antropológico de que “[...] a existência humana sempre se refere a algo que não é ela mesma — a algo ou alguém, ou seja, a um sentido que cabe realizar ou a outra existência humana com que se encontra” (Frankl, 2019d, p. 22). Disto, entende-se que há um direcionamento essencial do ser humano para **fora de si**, para um universo de sentidos e valores (Aquino, 2013).

O criador da logoterapia utiliza uma metáfora para representar a associação entre a capacidade de abrir-se a este universo e a saúde psíquica. Em sua analogia, também associa o direcionar-se excessivamente para si mesmo como algo patológico. Afirma, assim, que a existência humana é como o olho, que só pode enxergar o mundo na medida em que não percebe a si mesmo. O olho apenas consegue focar a si quando está doente, como é o caso da presença de uma catarata ou de um glaucoma. Quando este órgão põe em destaque seus elementos próprios, a sua capacidade de cumprir com a função de enxergar o mundo torna-se debilitada. Assim também é a existência humana: somente quando se abre e se entrega a uma causa ou a uma pessoa, esquecendo-se de si, é que o sujeito pode realizar sentido mediante sua autotranscendência (Frankl, 2019d).

É evidente a relação entre tal conceito e a noodinâmica: não seria possível, afinal, estabelecer-se entre o ser e o sentido, tomando este propriamente como o guia do ser (Frankl, 2019b), não fosse a capacidade tipicamente humana de direcionar-se para fora de si mesmo (Frankl, 2011). Se a noodinâmica é um constructo que exprime a dinâmica espiritual (Guberman; Soto, 2005) e que é fundamental para a compreensão de saúde mental (Frankl, 2019a), o seu entendimento está inextricavelmente relacionado à autotranscendência, descrita por Frankl (2011) como a **essência da existência**.

Martínez Ortiz *et al.* (2017) sistematizam de forma concisa os recursos noéticos, compreendidos como capacidades ou manifestações de utilidade psicoterapêutica inseridas nos fenômenos espirituais. No tocante à autotranscendência, tal autor diferencia três recursos: a afetação, a entrega e a diferenciação. A afetação se refere ao “[...] impacto emocional que se produz quando se ‘está junto a’ um valor ou ao sentido” (Martínez Ortiz, 2013, p. 121, tradução nossa). Consiste, então, na experiência afetiva que provém do encontro com tais categorias. Por sua vez, esta experiência emocional convida à entrega, ao agir em função deste sentido ou deste valor identificado (Martínez Ortiz *et al.*, 2017). Enfim, a diferenciação pode ser definida como a capacidade de, ao direcionar-se para fora, encontrar-se com outra pessoa, reconhecendo a sua singularidade e vinculando-se autenticamente com ela, ao mesmo tempo guardando um limite saudável entre a sua personalidade e a do outro (Martínez Ortiz, 2013). Como explica o autor, o amor é o fenômeno que permite compreender este conceito com maior precisão.

Em seu turno, o autodistanciamento configura-se como a capacidade de distanciar-se das situações e dos próprios conteúdos psicofísicos, o que possibilita conhecê-los e assumir uma postura ou atitude em relação a eles (Frankl, 2011). Esta é, para a logoterapia, uma competência noética, de modo que “no autodistanciamento, o ‘eu’ espiritual afasta-se do ‘eu’ físico’ [...]” (Fabry, 1990, p. 20). Ao afastar-se, a pessoa espiritual coloca-se diante de seus condicionamentos de ordem biológica e psicológica, possibilitando uma escolha com relação a eles (Frankl, 2019b).

Mais uma vez, Martínez Ortiz (2013) distingue três recursos que estão incutidos neste fenômeno noético. Trata-se da autocompreensão, da autorregulação e da autoprojeção. Em relação ao primeiro, é evidente que a capacidade do indivíduo de distanciar-se, enxergando os próprios conteúdos de fora, possibilita que este possa compreender a si mesmo. Inclui-se neste aspecto as capacidades de avaliar tais conteúdos, articulá-los uns com os outros etc. (Martínez Ortiz *et al.*, 2017). A autorregulação, por sua vez, engloba a faculdade de regular processos de ordem emotiva, cognitiva e comportamental, bem como aceitar os condicionamentos psicofísicos que se apresentam ou opor-se aos mesmos (Martínez Ortiz *et al.*, 2017). Por fim,

A autoprojeção é a capacidade de ver-se a si mesmo de outra maneira, é a capacidade intencional da espiritualidade humana de dirigir-se em sua reflexividade até si mesmo e conceber-se [...] de uma forma diferente. Esta capacidade de antecipação da pessoa é a que a permite mudar, permitindo-a intuitivamente antecipar o que há de realizar (Martínez Ortiz, 2013, p. 246, tradução nossa).

A partir desta citação, também é possível perceber a inequívoca articulação entre autodistanciamento e noodinâmica. Se está incluso no autodistanciamento a capacidade intuitiva do ser humano de antecipar os sentidos a serem realizados (Martínez Ortiz, 2013), a dinâmica existencial, enquanto um movimento dialético que se direciona para os sentidos percebidos (Frankl, 2019b), só é possível mediante a manifestação da autoprojeção. Assim, também o fenômeno espiritual do autodistanciamento é indissociável da compreensão de existência saudável que a logoterapia propõe.

Em síntese, a condição de saúde mental está relacionada ao favorecimento da expressão dos recursos — associados à autotranscendência ou ao

autodistanciamento — que estiverem restritos ou bloqueados (Martínez Ortiz, 2013). Ainda que a dimensão noética seja caracterizada como o núcleo saudável do ser humano, não sendo passível de adoecer (Frankl, 2019b), a sua expressão pode ser prejudicada, e isso pode resultar no adoecimento do psicofísico (Martínez Ortiz, 2011b). Em relação a este ponto, uma apreciação sobre a relação entre as distintas dimensões humanas será elaborada com maior profundidade na próxima seção.

4 A TOTALIDADE HUMANA: O SER *BIOPSIKOSSOCIONOÉTICO*⁸

Ao tomar a forma particular de existência do ser humano, não se almeja restringir as discussões de saúde mental à dimensão existencial-espiritual. Pelo contrário, Viktor Frankl (2011) critica os usos equivocados de recortes científicos que reduzem o ser humano à expressão de uma de suas dimensões — fatos que desembocam, por exemplo, no reducionismo de ordem biológica ou psicológica. O psiquiatra austríaco também acusa, na obra **Teoria e terapia das neuroses**, o reducionismo de se considerar o ser humano apenas em sua dimensão espiritual. Conforme afirma, “[...] o espiritualismo comete o erro de fazer como se essa dimensão espiritual fosse a única do existir humano” (Frankl, 2016, p. 160).

Neste sentido, compreende-se como fundamental discutir a saúde mental considerando, também, as demais dimensões. Afinal, a logoterapia se fundamenta em uma antropologia e em uma psicopatologia que endereçam a totalidade biológica, psicológica e noética do indivíduo (Frankl, 2019c, 2019d), sem negar, tampouco, a relevância da dimensão social em sua existência e nas problemáticas clínicas (Frankl, 2016). Assim sendo, Lukas (2002) afirma que a logoterapia, enquanto doutrina que busca compreender a totalidade do homem, precisa reconhecer a relevância de seus aspectos corpóreo, psíquico, noético e social.

Na busca por uma compreensão integral de ser humano, o criador da logoterapia alude a autores como Max Scheler e Nicolai Hartmann, que buscaram

⁸ A inclusão do aspecto social à formulação clássica da logoterapia — que define o sujeito como uma totalidade biopsiconoética (Frankl, 2019d) — não se dá como uma reformulação da teoria em si, uma vez que esta reconhece a relação inextricável entre o indivíduo e a estrutura da sociedade (Frankl, 2019b). A razão para tal é colocar em destaque a dimensão social e favorecer a aproximação entre a antropologia logoterapêutica e as tendências contemporâneas em saúde, que, aspirando uma definição holística de ser humano, o denominam como um ser biopsicossocial e espiritual (Souza; Aita, Correa, 2021).

elaborar distintas camadas ou estratos para uma caracterização do homem (Frankl, 2011). Ambos chegaram à compreensão das diferenças ontológicas de suas dimensões — somática, psíquica e espiritual —, porém, para Frankl (2011), eles não alcançaram o cerne da unidade antropológica da pessoa. Uma vez que esta não pode ser fragmentada, entende-se, sem negar as diferenças essenciais de suas dimensões, que “[...] o ser humano é uma unidade na multiplicidade” (Aquino, 2013, p. 45).

Viktor Frankl (2019c) utiliza o termo ontologia dimensional para designar uma analogia geométrica que utiliza para solucionar tal problemática. Assim, discute uma lei segundo a qual um objeto tridimensional, se projetado em planos distintos, pode gerar figuras bidimensionais diversas e contraditórias; um cilindro, por exemplo, produzirá uma projeção retangular e outra circular (Frankl, 2011). Aplicando esta imagem ao ser humano, o autor elucida:

Uma vez que projetemos o homem em suas dimensões biológica e psicológica, também obteremos resultados contraditórios, porque, no primeiro caso, o organismo biológico é o resultado; no outro, é um mecanismo psicológico. Contudo, apesar dos aspectos somáticos e psíquicos chegarem à contradição entre si, quando à luz da antropologia dimensional, tais disparidades não mais contradizem a singularidade do homem. Ou será que a disparidade entre um círculo e um retângulo contradiz o fato de que ambos resultam da projeção de um mesmo cilindro? (Frankl, 2011, p. 36).

Não seria possível, evidentemente, encontrar a unidade do indivíduo em qualquer destes planos projetados — somático ou psíquico. Diferentemente, a sua unidade, necessariamente localizada em uma dimensão superior a estas, situar-se-ia na dimensão do especificamente humano, na dimensão espiritual. Apenas deste modo seria possível superar as contradições dos recortes dimensionais (Frankl, 2019d). Para Aquino (2013, p. 45), “a dimensão noética seria o núcleo integrador do ser humano”. Essencialmente distinta, em termos ontológicos, do psicofísico, esta é a dimensão que propriamente confere a unidade antropológica da pessoa (Pareja Herrera, 2021).

Com relação aos aspectos da existência humana que se circunscrevem em cada dimensão, a logoterapeuta austríaca Elisabeth Lukas (1989) faz uma oportuna sistematização. Em sua apreciação, a dimensão biológica inclui o conjunto dos processos corporais, tais como fenômenos celulares e químicos. Já a psicológica se caracteriza por impulsos, desejos, sensações, processos intelectivos e padrões

comportamentais e sociais. Enfim, a dimensão noética se configura como a dimensão livre do ser humano, tendo a capacidade de assumir posições em relação ao psicofísico, de intencionalidade, de decisões de vontade, entre outros elementos (Lukas, 1989).

Longe de restringir-se a esta separação didática, a logoterapia busca compreender de que forma tais dimensões se relacionam. As dimensões somática e psíquica, tomadas isoladamente, interagem por meio do **paralelismo psicofísico** (Frankl, 2019c). Esta terminologia nomeia uma correspondência entre o dado biológico e o fato psíquico. Por isso, como exemplifica Pareja Herrera (2021), a depressão se trata de uma alteração psicofísica: o transtorno psicológico da depressão é acompanhado por modificações que envolvem o âmbito somático, tais como a lentificação psicomotora, a alteração de peso, entre outras (American Psychiatric Association, 2014). Assim sendo, o ser humano se deprime em toda a dimensão psicofísica. Esta correlação harmônica entre as duas dimensões é o que se denomina como paralelismo psicofísico (Frankl, 2019c).

Por sua vez, a dimensão noética se relaciona com a soma e a psique por meio do **antagonismo psico-noético** (Frankl, 2019c). Este designa a capacidade tipicamente humana de distanciar-se de seus mandatos psicofísicos e assumir uma atitude em relação a eles, acatando-os ou negando-os (Frankl, 2011). É relevante destacar que a capacidade de se opor não implica na obrigação de opor-se. Conforme Viktor Frankl (2019d, p. 147-148), “o ‘poder desafiador do espírito’ que caracteriza o ser humano [...] é facultativo, i. e., se pode, mas não se tem de recorrer sempre a ele”. Os posicionamentos que o ser humano assume em relação às tendências biológicas, aos impulsos psíquicos, aos condicionamentos sociais e mesmo às psicopatologias estão, evidentemente, incluídos neste fenômeno (Frankl, 2019b, 2019d).

A articulação entre as diferentes dimensões humanas também pode ser descrita a partir de dois termos relevantes da logoterapia: **pessoa** e **personalidade**. A pessoa designa a porção livre do ser humano, e é, conforme descrito, o elemento que propriamente o unifica (Martínez Ortiz *et al.*, 2017). Para estes autores, a pessoa guarda uma liberdade em relação aos condicionantes internos (biológicos e psicológicos) e externos (sociais). Uma vez, porém, que “o espiritual é potência pura [...]” (Martínez Ortiz, 2011b, p. 12, tradução nossa), procede que este só pode manifestar-se através da mediação do somático e do psíquico. O termo personalidade

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.735-759, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483

designa, precisamente, o organismo psicofísico a partir do qual a pessoa espiritual se expressa (Martínez Ortiz *et al.*, 2017).

Por sua vez, Martínez Ortiz (2011b) elucida que a personalidade pode ser destrinchada em dois termos. Primeiramente, há o temperamento, compreendido na logoterapia como a base biológica de fundamentação da personalidade, um potencial somático que produz determinadas tendências. O caráter, no que lhe compete, designa um aspecto psíquico e social, sendo formado a partir das experiências da vida e da interação com o meio ambiente. Assim, a logoterapia discute os traços de personalidade como uma mescla entre estes dois aspectos: temperamento e caráter (Martínez Ortiz, 2011b). É a partir destes elementos que se manifestará a pessoa, uma vez que, de acordo com Aquino (2013), o organismo psicofísico tem a função de instrumentalizar a pessoa espiritual.

Após estes importantes esclarecimentos, pode-se retomar a articulação entre o paradigma logoterapêutico e a questão da saúde mental. Em **Los modos de ser inautênticos**, Martínez Ortiz distingue as personalidades autêntica e inautêntica. A primeira consiste em um organismo flexível que permite, de forma apropriada, a manifestação da pessoa na realidade; neste caso, o psicofísico permite a abertura da pessoa para o mundo, de modo que esta possa, de fato, experienciá-lo. Em outras palavras, “uma personalidade autêntica torna real a existência da pessoa, concretizando todos os seus recursos, com a impressão única e própria de sua expressão particular” (Martínez Ortiz, 2011b, p. 31, tradução nossa).

Por outro lado, a personalidade inautêntica não possibilita o desenvolvimento das potencialidades espirituais por meio do organismo (Martínez Ortiz *et al.*, 2017). Conforme Martínez Ortiz (2011b), esta se caracteriza como uma personalidade rígida e pouco permeável, de modo a não permitir a instrumentalização da pessoa. Nela, as expressões espirituais do indivíduo estão restritas em virtude de um organismo afetado (Martínez Ortiz *et al.*, 2017). Tal restrição pode ocorrer devido a problemas de maturação ou pela presença de doenças ou transtornos que prejudicam a capacidade utilitária de manifestar a pessoa espiritual (Martínez Ortiz, 2011b).

Evidencia-se, assim, a articulação entre personalidade e saúde mental. Se a expressão dos recursos noéticos é condição importante para a saúde psíquica (Martínez Ortiz, 2013), depreende-se que a condição da autenticidade — em que, de forma apropriada, o espiritual se expressa a partir da personalidade — é relevante

para a produção de saúde mental. De fato, conforme Martínez Ortiz (2011b), é na personalidade autêntica que se observa as expressões de autotranscendência e de autodistanciamento. De forma contrária, a inautenticidade é compreendida como uma personalidade apagada, excessivamente apegada a si, incapaz de expressar seu núcleo saudável (Martínez Ortiz, 2011b; Martínez Ortiz *et al.*, 2017). Condições, como se apresentou até aqui, avessas à experiência da saúde mental.

Em seu turno, a dimensão social também é contemplada pela logoterapia (Frankl, 2016, 2019b; Lukas, 2002; Pareja Herrera, 2021). Como reconhece o criador da abordagem, “por toda a parte o indivíduo nos surge incrustado na estrutura social” (Frankl, 2019b, p. 176). O ser humano, conforme esta referência, é condicionado pelo meio e orientado para se adequar à realidade da sociedade. Afirmá-lo não significa dizer que o sujeito é determinado pela referida estrutura; diferentemente, ele conserva a liberdade de se posicionar em relação aos aspectos que o condicionam, sendo tal liberdade uma manifestação da pessoa (Frankl, 2019b). Além disso, Viktor Frankl (2019b) afirma que o próprio caráter social possibilita a realização de sentido por parte do ser humano, uma vez que a vida em comunidade produz oportunidades de efetivação de valores como, por exemplo, a solidariedade.

Ademais, é relevante afirmar que a realidade social também pode ter profunda influência nos sofrimentos psicológicos (Frankl, 2019c). Em sua formulação psicopatológica original, o psiquiatra vienense utiliza o termo **neurose coletiva** para se referir a quadros clínicos engendrados por fatores desta ordem, de modo que poder-se-ia abordar, em sentido figurado, neuroses de origem sociogênica (Frankl, 2016). Para Frankl (2019d, p. 24), a própria frustração existencial contemporânea poderia ser entendida nestes termos, uma vez que é “[...] um fato sociológico que a perda da tradição gera uma insegurança existencial muito grande no ser humano de hoje”. Este dado, porém, produziria a reação não-patológica de buscar sentido em outros horizontes, sem tomar como dadas respostas tradicionais (Frankl, 2019d). O auxílio neste empreendimento, evidentemente, é tarefa do logoterapeuta (Frankl, 2011).

Portanto, além da importância de se considerar o ser humano em suas dimensões biológica, psíquica e noética, também a reflexão sobre o social é relevante para a logoterapia (Lukas, 2002). Neste sentido, destaca-se a valiosa contribuição de Guillermo Pareja Herrera (2021), que afirmou a necessidade de uma adaptação da **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.735-759, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

logoterapia para o contexto sociocultural latino-americano deste século. Tal assertiva implica em uma atuação territorializada da logoterapia, e que reconhece a diversidade étnica e cultural dos distintos povos que habitam o continente (Pareja Herrera, 2021).

A partir de tudo o que foi colocado, é coerente finalizar esta seção com a seguinte citação de Gerônimo Acevedo, presidente do *Centro Viktor Frankl para la difusión de la Logoterapia*, na Argentina. De acordo com ele, corroborando com a exposição efetuada,

[...] a logoterapia parte de um conceito de saúde dinâmico e aberto, que aponta à totalidade do homem (bio-psico-espiritual), à promoção de todos os seres humanos. Saúde é o desvelar do ser em sua essência e sentido. Saúde é a maneira de viver livre, responsável, solidária e feliz [...]. Estas definições **desbiologizam** e **desmedicalizam** a saúde e a põem em contextos éticos e **sociais**. Se és uma pessoa responsável, livre e solidária, e podes viver momentos felizes, então estás são; para além dos sintomas ou sinais que possas ter (Acevedo, 2013, p. 17, tradução nossa, grifo nosso).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente trabalho, considerando-se as limitações e problemáticas da forma predominante de compreender a saúde mental, buscou-se a sistematização da proposta da logoterapia como forma de alcançar uma elaboração alternativa deste constructo. Observa-se que, ao colocar no **centro** da discussão a problemática do **sentido**, a dinâmica particular da existência humana assume o foco, em vez da mera co-ocorrência de sintomas e sinais. Além disso, recorre-se a uma abordagem solidamente alicerçada em uma epistemologia fenomenológica e amparada pela fundamentação científica de suas hipóteses (Frankl, 2011), em contraposição às contradições apontadas do modelo hegemônico nestes âmbitos.

Pôde-se articular um entendimento de saúde mental fundamentalmente associado à vontade humana de realizar sentidos e valores. Foi possível situá-lo, apropriadamente, em um campo polarizado de tensão em que a pessoa é **guiada** pelo sentido. Definiu-se, ainda, que a saúde psíquica se relaciona à capacidade de expressão de determinados recursos específicos do ser humano, denominados noéticos. Além disso, sem ignorar a relevância de uma compreensão integral do indivíduo, a apreciação da antropologia logoterapêutica serviu para destacar a inter-relação entre as distintas dimensões humanas, de modo a compreender que a

discussão sobre a saúde mental depende, também, da devida consideração das dimensões biológica, psicológica e social.

Por fim, ao objetivar o posicionamento da logoterapia como uma perspectiva crítica em relação ao modelo médico dominante entre psicólogos e psiquiatras, este trabalho, ainda que não esgote o assunto aqui tratado, apresenta como a abordagem em questão pode ser incluída no campo analítico e questionador de debates sobre a saúde mental. Neste sentido, espera-se que sirva como um ponto de catalização para novas produções acadêmicas que elaborem propriamente uma **logoterapia crítica**. Em consonância com os debates contemporâneos, o desenvolvimento desta ótica é imperativo pelo próprio espírito da época atual.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, G. Prólogo. *In*: MARTÍNEZ ORTIZ, E. (Org.) **Manual de psicoterapia con enfoque logoterapéutico**. 1. ed. Bogotá: Manual Moderno, 2013. p.15-20.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. Porto Alegre: Artmed, 2023.

AQUINO, T. A. A. de. **Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

BURKHARDT, S. da N. L.; REUL, M. A.; VASCONCELOS, M. V. R. de; CAVALCANTI, E. B. V. S.; FERREIRA, O. D. L.; VIEIRA, K. F. L.; FERREIRA, M. D. L.; SOUSA, A. P. de. A psicopatologia na visão fenomenológica e a medicalização da existência na atualidade. **Brazilian Journal of Development**, São José dos Pinhais, v. 8, n. 5, p. 35671-35692, 2022. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv8n5-195>. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/47781>. Acesso em: 26 ago. 2024.

CARROLL, L. Através do espelho e o que Alice encontrou por lá. *In*: CARROLL, L. **Aventuras de Alice no país das maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 151-315.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

DUNKER, C. I. L. Questões entre a psicanálise e o DSM. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 47, n. 87, p. 79-107, dez. 2014. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v47n87/v47n87a06.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2024.

FABRY, J. **Aplicações práticas da logoterapia**. São Paulo: ECE, 1990.

FARLEY, T.; COHEN, D. **Prescription for a healthy nation: a new approach to improving our lives by fixing our everyday world**. Boston: Beacon Press, 2005.

FLECK, M. P. D. A. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, p. 33-38, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2000.v5n1/33-38/pt>. Acesso em: 09 out. 2024.

FRANCES, A. **Saving normal: an insider's revolt against out-of-control psychiatric diagnosis, DSM-5, big pharma and the medicalization of ordinary life**. Nova Iorque: HarperCollins, 2013.

FRANCES, A. "Transformamos problemas cotidianos em transtornos mentais". **El País**, Online, n. p., 28 set. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/26/sociedad/1411730295_336861.html. Acesso em: 10 ago. 2024.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. **Teoria e terapia das neuroses: introdução à logoterapia e à análise existencial**. São Paulo: É Realizações, 2016.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Vozes, 2019a.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida: introdução à logoterapia e análise existencial**. 7. ed. São Paulo: Quadrante, 2019b.

FRANKL, V. E. **O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia**. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2019c.

FRANKL, V. E. **A psicoterapia na prática: uma introdução casuística para médicos**. Petrópolis: Vozes, 2019d.

FREITAS, F.; AMARANTE, P. **Medicalização em psiquiatria**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

GOTZSCHE, P. C. **Critical psychiatry textbook**. Copenhagen: Institute for Scientific Freedom, 2022.

GUBERMAN, M.; SOTO, E. P. **Diccionario de logoterapia**. Buenos Aires: Lumen Hvmánitas, 2005.

HAYES, S. C.; STROSAHL, K. D.; WILSON, K. G. O dilema do sofrimento humano. *In*: HAYES, S. C.; STROSAHL, K. D.; WILSON, K. G. **Terapia de aceitação e compromisso**: o processo e a prática da mudança consciente. Porto Alegre: Artmed, 2021. p. 2-20.

ILLICH, I. **A expropriação da saúde**: nêmesis da medicina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

KUPFER, D. J.; FIRST, M. B.; REGIER, D. A. (Org.) **A research agenda for DSM-V**. Washington, DC: American Psychiatric Association, 2002.

LAURENTI, C.; LOPES, C. E. Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. *In*: LAURENTI, C.; LOPES, C. E.; ARAUJO, S. de F. **Pesquisa teórica em psicologia**: aspectos filosóficos e metodológicos. São Paulo: Hogrefe, 2016. p. 41-69.

LUKAS, E. **Logoterapia**: a força desafiadora do espírito. São Paulo: Loyola, 1989.

LUKAS, E. A busca do sentido e a saúde psíquica. *In*: LUKAS, E. **Assistência logoterapêutica**. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 15-30.

LUKAS, E. **Psicologia espiritual**. São Paulo: Paulus, 2002.

MARTÍNEZ ORTIZ, E. La psicoterapia centrada en el sentido. *In*: MARTÍNEZ ORTIZ, E. (Org). **Las psicoterapias existenciales**. Bogotá: Manual Moderno, 2011a. p. 41-89.

MARTÍNEZ ORTIZ, E. **Los modos de ser inauténticos**: psicoterapia centrada en el sentido de los trastornos de la personalidad. Bogotá: Manual Moderno, 2011b.

MARTÍNEZ ORTIZ, E. Los recursos noéticos en la psicoterapia centrada en el sentido. *In*: MARTÍNEZ ORTIZ, E. (Org). **Manual de psicoterapia con enfoque logoterapêutico**. 1. ed. Bogotá: Manual Moderno, 2013. p. 107-125.

MARTÍNEZ ORTIZ, E.; RODRÍGUEZ, J.; CASTILLO, J. P. D. del; PACCIOLA, A. **Vivir a la manera existencial**: aportes para una logoterapia clínica. Bogotá: Sociedad para el Avance de la Psicoterapia Centrada en el Sentido, 2017.

McHUGH, P.; SLAVNEY, P. **The perspectives of psychiatry**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.

MURPHY, D. **Psychiatry in the scientific image**. Londres: The MIT Press, 2006.

PAREJA HERRERA, G. **Viktor Frankl**: comunicação & resistência. São José dos Campos: Busca Sentido, 2021.

PEREIRA, I. S. **A ética do sentido da vida na logoterapia de Viktor Frankl**. 124f. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6523>. Acesso em: 19 ago. 2024.

PEREIRA, I. S. **Tratado de logoterapia e análise existencial**: filosofia e sentido da vida na obra de Viktor Emil Frankl. São Leopoldo: Sinodal Editora, 2021.

RIBEIRO, A. S.; GONÇALVES, G. A.; TEODORO, E. F.; BATISTA, S. A.; FERREIRA, P. H. E. Psicopatologia na contemporaneidade: análise comparativa entre o DSM-IV e o DSM-V. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niteroi, v. 32, p. 46-56, jan.-abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5674>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5674>. Acesso em: 27 ago. 2024.

SOUZA, A. M. de; AITA, K. M. S. C.; CORREA, V. A. C. A compreensão da pessoa biopsicossocial e espiritual como recurso aos cuidados integrais: direitos humanos assegurados no planejamento e ações em saúde coletiva. *In*: SOARES, D.; SILVA, P. F. da (Org). **Saúde coletiva**: avanços e desafios para a integralidade do cuidado. São Paulo: Científica Digital, 2021. p. 209-223.

VENTURI, C. “Depressão, transtorno do pânico e fobia social são reais!”. Notas sobre essencialismo, pragmatismo e psicopatologia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 25, p. 644-667, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2022v25n4p644.8>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/m6qGJwNRQ8t7NGgf9LLSTSQ/?lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2024.

WATTERS, E. **Crazy like us**: the globalization of the American psyche. Nova Iorque: Norton, 2010.

WHITAKER, R. **Anatomia de uma epidemia**: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental. Rio de Janeiro: FioCruz, 2017.

XAUSA, I. A. de M. **O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl**. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2019.